

# ECONOMIA

## MERCADO DO AGRO

# Fenasucro aposta em biogás e consolida papel estratégico no avanço da bioenergia

Com mais de três décadas de história, Feira aposta no avanço do segmento para superar R\$ 10 bilhões em negócios gerados. Confira análise exclusiva de **Paulo Montabone**, diretor do evento, que ocorre em agosto

EDUARDO SCHIAVONI

Com mais de três décadas de história, a Fenasucro & Agrocana é reconhecida como a principal feira do setor sucroenergético do mundo. Realizada em Sertãozinho, interior de São Paulo, a feira tem sido palco para lançamentos tecnológicos, debates setoriais e articulações que influenciam diretamente os rumos da cadeia da bioenergia no Brasil e no exterior.

A edição de 2025 acontece entre os dias 12 e 15 de agosto, no Centro de Eventos Zanini, em Sertãozinho, e já aponta sinais de recorde: segundo a organização, 98% dos espaços já foram comercializados, refletindo o aquecimento do setor e a ampliação do foco da feira para além da tradicional cana-de-açúcar. A meta é ampliar a geração de negócios da última edição de evento, que sou de R\$ 10,7 bilhões em negócios.

Neste cenário de expansão, o Jornal Ribeirão conversou com Paulo Montabone, um dos diretores responsáveis pela Fenasucro, sobre o crescimento do evento, a aposta em novas fontes como o biogás e as transformações do setor que consolidam a feira como referência em inovação e sustentabilidade.

Confira a entrevista completa.

**Jornal Ribeirão – A Fenasucro 2025 será realizada em agosto. Como está o andamento da comercialização dos espaços?**

**Paulo Montabone –** A Fenasucro, em Sertãozinho, já está com 98% das áreas comercializadas. Isso representa um crescimento de 13% em relação ao ano passado. Esse avanço vem puxado principalmente por um novo movimento do setor bioenergético, com destaque para as empresas geradoras de biogás, que estão chegando com força.

**A Fenasucro passou por uma grande transformação ao longo dos anos, especialmente em relação ao seu foco. Como você enxerga essa mudança?**

**Houve uma transição estratégica. No começo, a Fenasucro competia, de certa forma, com a Agrishow, pois ambas tinham públicos e estruturas parecidas. Mas nós decidimos focar na indústria, da porteira para dentro. A Agrishow mostra o plantar e colher. A Fenasucro mostra como transformar isso em bioprodutos.**

Isso atrai um público mais técnico: diretores, gerentes, operadores industriais. E hoje falamos não só de cana, mas também de milho, trigo, soja... com soluções sustentáveis e inovadoras. Foi uma escolha que garantiu não apenas a sobrevivência da feira, mas sua expansão.

**Essa diversificação ajudou a posicionar a Fenasucro como referência no setor?**

Sem dúvida. Antes a feira girava em torno de açúcar e etanol. Hoje, acompanhando a evolução do próprio setor, abraçamos também o biogás, o hidrogênio e outros produtos da bioeconomia. A Fenasucro continua fiel à sua vocação, mas com um olhar mais amplo, sintonizado com a transição energética global.

**Falando nisso, acredita que o biogás é uma das novas fronteiras da bioenergia?**

Quando falamos em usina de cana-de-açúcar, estamos falando de várias indústrias dentro de uma só: açúcar, energia elétrica, biocombustível, ração animal... e agora o biogás entra como uma nova onda verde. Isso porque cerca de 30% do custo final do produto está relacionado ao uso de óleo

diesel. E o diesel é um dos maiores gastos das usinas. Com o biogás, conseguimos reduzir essa dependência e caminhar para uma indústria realmente circular.

**Esse uso do biogás já é viável em escala nas operações?**

Sim. Já temos tratores, colhedoras de cana e caminhões operando com biogás e etanol. Isso amplia a eficiência energética das usinas, melhora os indicadores do programa RenovaBio e, o mais importante, representa economia e geração de receita nova para o setor. É um novo dinheiro que entra, e um antigo gasto que sai.

**Percentualmente, quanto o diesel representa hoje no custo da cadeia? Cerca de 30% do valor final do produto – seja açúcar, etanol ou outro derivado – está ligado à mobilidade pesada: colhedoras, caminhões de transbordo, transporte até os portos... tudo isso pesa muito. Com a substituição pelo biogás, acreditamos que esse custo possa cair pela metade.**

**E a produção do biogás seria suficiente para abastecer as próprias usinas e ainda gerar excedente?**

Exatamente. Essa é a grande sacada. A usina deixa de depender de um único combustível e passa a contar com biogás e etanol. E em breve, teremos o hidrogênio também entrando nesse cenário de mobilidade de baixo carbono. A diversificação energética é o caminho.

**A previsão, há uma década, era o setor passaria a priorizar bioenergia e crédito de carbono se concretizou?**

Parcialmente. Naquela época, as usinas estavam começando a investir na

DIVULGAÇÃO



Paulo Montabone, diretor responsável pela Fenasucro

cogeração de energia a partir do bagaço da cana, muitas vezes apenas para consumo interno. Hoje, a produção já é em escala muito maior. Há usinas no estado de São Paulo gerando quase duas Itaipus em energia verde. Já os créditos de carbono avançaram em regulamentação, mas ainda não se tornaram o “negócio principal” como se previa. A bioenergia sim ganhou muito mais espaço e protagonismo.

Mas o crédito de carbono está evoluindo, com regulamentações mais robustas e integração a programas como o Renovabio. Há novas possibilidades sendo exploradas: compensação em eventos; valorização de áreas de preservação legal com sequestro de carbono; captura e armazenamento subterrâneo (CCS), entre outros. O potencial é enorme, mas ainda é um mercado em construção, que precisa ganhar mais notoriedade e escala.

**Ainda faz sentido pensar que açúcar e etanol serão subprodutos e que o foco do setor será energia?**

Não. Hoje, com a evolução científica, o setor se diversificou, mas açúcar e etanol continuam sendo pilares centrais. O que está mudando é o leque de subprodutos e destinos: além dos tradicionais, temos etanol anidro com potencial de exportação, combustível de aviação (SAF), combustível para navios e até uso em veículos híbridos elétricos. O etanol pode ser usa-

do para gerar energia para baterias, tornando-se uma alternativa de eletrificação.

**O Brasil tem capacidade de atender a uma eventual explosão de demanda mundial por etanol?**

**Hoje, não. A infraestrutura ainda é limitada. Para atender a uma demanda global significativa – como, por exemplo, misturar 0,5% de etanol anidro na gasolina do planeta – seria necessário triplicar a produção. Mas há alternativas: uso de áreas degradadas da pecuária para plantio, adoção de novas culturas como milho e até agave (com estudos no sertão nordestino), irrigação para aumentar produtividade e interiorização das usinas. A capacidade de expansão existe, mas exige planejamento e investimento.**

**A Índia pode ser o novo “case” de sucesso para o etanol?**

Sim. A Índia está adotando a mistura de mais de 15% de etanol na gasolina. Isso deve impactar positivamente a qualidade do ar em grandes cidades como Mumbai e mostrar ao mundo os benefícios ambientais do etanol. A experiência indiana pode ser um “pró-álcool 2.0” e servir de vitrine global, com o Brasil como referência em tecnologia e know-how.